

Ninguém está ouvindo as reivindicações de Flexal

Reportagem de Cláudia Feliz e Nilo De Mingo
Fotos de Nestor Muller

Flexal, um dos bairros mais pobres da Grande Vitória, reúne grande número de problemas. Ali, pode-se dizer que falta tudo: água tratada — só um pequeno número de famílias é beneficiado com redes da Cesan — energia elétrica — o grande número de “gatos” representa perigo para todos — iluminação pública, redes de esgoto, calçamento, policiamento e um atendimento médico satisfatório. O transporte coletivo não atende à demanda de passageiros — há oito ônibus para aproximadamente 10 mil moradores — e uma grande queixa da população diz respeito ao esquecimento do qual alegam estavam sendo vítimas, por parte das autoridades ditas competentes. O governador Gérson Camata, segundo ela, prometeu transformar Flexal II, numa enorme área de invasão, numa cidade. Até hoje nada disso aconteceu. E ontem, na visita do projeto “Gazeta nos Bairros”, nem mesmo um funcionário da prefeitura esteve no local para ouvir as críticas e sugestões da comunidade.

Valas entupidas de detritos já fazem parte do cotidiano



O poço serve como alternativa

As valas fazem parte do cotidiano dos moradores de Flexal e são motivo de preocupação, principalmente no período de chuvas, quando transbordam e levam detritos para interior das residências. Somado a esse problema há um outro: em todo o bairro existe um grande número de pessoas não beneficiadas com redes de água da Cesan, que só instalou o serviço na parte baixa.

Por causa dessa deficiência, resta aos moradores apenas uma opção: construir poços em seus lotes, que representam, na maioria dos casos, perigo, principalmente para as crianças. Muitos deles, segundo a moradora Maria Severino Simões, estão contaminados. Sua filha, de 13 anos, contraiu xistose e há suspeita de que toda a família esteja com a mesma doença. “Lá em casa”, disse ela, “todo mundo vai ter que fazer exame”.

CONTAMINAÇÃO

Também os poços da rua Boa Esperança apreentam o mesmo problema. A Cesan, segundo os moradores, já foi comunicada sobre a questão. Em junho, a companhia enviou uma assistente social ao bairro e anunciou que beneficiaria com redes de água, em dezembro, Flexal I, o loteamento São José Operário e o bairro vizinho de Nova Canaã. Atualmente, segundo a Associação de Moradores, aproximadamente 600 casas, na parte plana de Flexal I, dispõem

de água encanada. O restante tem mesmo que utilizar os poços.

Mas há casos em que nem isso é possível. Um exemplo é o que acontece com Iolanda Ananias. Ela adquiriu seu lote há sete anos, da Imobiliária Canaã, mas as promessas de instalação de infra-estrutura não aconteceram. Iolanda tem um poço de 32 metros de profundidade, totalmente seco. Desdada, a mulher só consegue enxergar o fundo do poço com o auxílio de um espelho, que reflete a luz do sol.

Além da falta de água, há também a inexistência da rede de esgotos a incomodar a população. “As valas, se a gente quer que não entupam tem que pegar na enxada e limpar”, diz o presidente da Associação de Moradores, Izaurino Ohnesorge.

Com as chuvas, as valas que cortam Flexal, Porto de Santana, Tabajara e Vila Prudêncio, transbordam levando detritos para o interior das casas. “Nós gostaríamos que a prefeitura pelo menos drenasse as valas, para acabar com o mau cheiro e evitar o entupimento”. Na parte baixa de Flexal só existe uma precária rede de esgotos nas ruas Lourival de Almeida e Amélia Siqueira.

“Nós estamos aqui esperando a atenção das autoridades. A Cesan tem projeto pronto mas a firma que não dispõe de recursos. Nossa rede de esgotos não é construída pela prefeitura. Então, a gente fica aqui sofrendo”, lamentou Maria Severino Simões.

**GAZETA
NOS BAIRROS**

APOIO

**CAFÉ
EXCLUSIVO**
SEMPRE NA HORA CERTA

Caderneta de Poupança
Triplikk
Dinheiro tranquilo

Comunidade cobra as promessas de Camata

"Na campanha eleitoral, o governador Gerson Camata veio aqui e disse que iria transformar Flexal II numa cidade. A gente está esperando que ele cumpra a promessa". O desabafo é do presidente da Associação de Moradores de Flexal II, Edson Ferreira da Silva, uma extensa área que representa um prolongamento da parte antiga de Flexal e que foi ocupada através de invasão em 1979. Hoje, com mais de 3 mil moradores, a região não dispõe de praticamente quase nada em termos de benefícios infra-estruturais.

Uma das grandes preocupações da comunidade no momento refere-se à legalização dos seus lotes. A Cohab, segundo Edson Ferreira, comprou a área e chegou a financiar alguns lotes. Há 1 ano, porém, ele assegura que o prefeito Vicente Fantini determinou que o pagamento das prestações dos lotes fosse suspenso. "O prefeito disse que os lotes seriam doados. Ele garantiu isso junto com Nelson Aguiar, que era secretário do Bem-Estar Social. Muita gente parou de pagar os lotes e até agora não há definição".

COM CAMATA

Integrante da Associação de Moradores, Aldina Maria de Souza, disse que uma comissão chegou a esperar horas para falar com o governador sobre a



Edson: "A gente está esperando"

situação. "Nós ficamos no palácio até às 16 horas, quando então nos mandaram para a Sebs Lá a secretária do Joaquim Beato disse que ele não estava entendendo a situação. Ele achou tudo muito confuso e prometeu que falaria com o governador", disse ela.

A comunidade quer uma solução para o problema, uma vez que toda a região não dispõe de rede de energia elétrica — o que existe é uma grande quantidade de "gatos" puxados de Flexal I — e a Cesa só beneficia com água quem reside na parte baixa, na avenida Nossa Senhora da Penha. No morro, o irmão de Aldina, Wilson, fez uma ligação direta do chafariz até o seu lote. "Ali nem eu mesma posso pegar água porque ele não deixa", queixou-se a mulher.

Iluminação é um dos problemas

Dois graves problemas atingem os moradores no que se refere à infra-estrutura básica: a iluminação pública e a ausência quase que total de pavimentação nas ruas. As partes altas são, como sempre, as mais atingidas. Nessas áreas, não há qualquer tipo de iluminação nas ruas e, nos dias de chuva, veículo algum consegue subir as ladeiras.

E o bairro não tem ninguém para reivindicar as melhorias necessárias. Os moradores não pouparam críticas ao vereador eleito com os votos do bairro, Adimar De Laia. "Ele só vem aqui em épocas de eleição ou para trazer brindes que são distribuídos em partidas de futebol. No mais ele não faz nada", disse Sebastião Severo.

Ele adiantou, ainda, que, à noite, é perigoso sair de casa. "A escuridão é total e apenas na avenida principal existe algum tipo de iluminação pública. Quem chega ou sai à noite corre o risco de ser assaltado, pois com a escuridão tudo fica mais fácil para os ladrões", reclamou o morador.

Só há pavimentação na avenida Amélia Siqueira. Na sexta-feira, a Prefeitura passou a patrol no local, nivelando as ruas de terra batida. Mas isso deve durar muito pouco tempo. "Basta uma chuvinha e isso aqui vira um lamaçal e a situação volta como a antes", lamentou Severo.



As crianças estão acostumadas



O posto não tem mais dentistas

Só a prefeitura dá atendimento médico

Um único posto médico da Prefeitura de Cariacica atende os moradores de Flexal. E aos sábados, domingos e feriados ele permanece fechado. Além disso, o gabinete dentário que havia no local foi retirado pela Prefeitura sem maiores explicações. Não existe material para primeiros socorros e os medicamentos faltam constantemente.

Segundo Izaldino Ohnesorge, o posto só funciona nos dias de semana, com um médico. "Antigamente, havia dentista, mas um dia a Prefeitura chegou aqui, pegou o gabinete dentário, colocou em um carro e nunca mais o trouxe de volta". Ele reclamou ainda que o posto sequer tem material para fazer curativos.

"Quem quiser tem que ir até Porto de Santana e procurar alguma farmácia, pois aqui no posto não tem

nenhum remédio. O máximo que eles fazem é consultar os doentes e passar a receita. O remédio tem que ser comprado ou a gente enfrenta a fila do Inamps para consegui-lo, já que no posto não existe medicamentos", disse Izaldino.

Para completar a situação do posto médico, existe a questão do local onde ele está instalado. Bem ao seu lado existe um valão e muito mato, duas coisas nada condizentes com um posto de saúde. Em épocas de chuva o valão transborda e inunda tudo. Do lado de fora, nas paredes é bem nítida a marca até onde a água chega. A Prefeitura, segundo revelou Izaldino, prometeu limpar o terreno existente atrás do posto, um grande matagal, e fazer dali um campo de futebol. "Mas ficou só na promessa, pois até agora não fizeram nada e o posto fica nessa situação".

Jovens providenciam uma área de lazer

Se dependesse da Prefeitura de Cariacica, os moradores de Flexal não teriam área de lazer tão cedo. O campo de futebol, que era utilizado há vários anos pelos moradores, hoje é destinado àqueles que moram na área invadida. Uma quadra de esportes deixou de existir e no seu lugar foi construída uma escola.

Diante dessa situação, os moradores não tiveram outra alternativa, senão a de eles mesmos fazerem outra quadra. Ontem pela manhã um grupo de rapazes demarcava uma área onde eles farão a quadra de vôlei, que passará a ser a área de lazer e esportes. Com seus próprios recursos, eles vão cimentá-la. "A única colaboração da Prefeitura foi a de passar a patrol para nivelar o terreno, mas nada", disse Ronaldo Anacleto.

A nova quadra fica

localizada próxima à escola Ana Lopes Balestreira e, segundo os moradores, tanto o local onde está o colégio, como a área onde está sendo feita a quadra, eram uma praça, que sequer foi construída. Por essa razão, os moradores fizeram a primeira quadra, onde está hoje a escola e agora partem para fazer a segunda.

"Aqui não temos um local para o lazer. O campo de futebol que foi feito pelos antigos moradores hoje é usado pelo pessoal da invasão. A quadra antiga foi tomada dos moradores pelo governo, que construiu a escola. Agora estamos fazendo esta aqui. Por enquanto, ela será de terra batida, mas nós vamos fazer uma cotinha entre os moradores e comprar o cimento. Ai teremos um local para esporte e lazer, que esperamos seja definitivo", afirmou Ronaldo Anacleto.

Roupa usada: artigo de grande aceitação

População quer uma escola de 2º grau

O bairro é dotado de duas escolas de 1º grau, mas a grande expectativa da comunidade é que se instale ali o ensino de 2º grau, uma vez que muitos alunos têm que se deslocar até Porto de Santana, por exemplo, para poder cursar o ensino médio.

Uma escola é estadual e fica em Flexal II. A construção é nova e a única queixa da população diz respeito ao fato de, por não existir rede de Cesa n no local, o estabelecimento sofre com a falta d'água. A escola é atendida com caminhões-pipas da companhia, mas o abastecimento, segundo a moradora Luzeniu de Jesus Tavares, tem sido irregular. Com isso, as crianças muitas vezes ficam sem a merenda.

A escola só atende de 1ª a 4ª séries e seu nome contrariou o desejo dos moradores. "nós queríamos Casemiro Pereira,

que foi um companheiro de luta aqui do bairro e que morreu há algum tempo. Mas a Secretaria da Educação deu o nome de Martinho Lutero. Ninguém gostou porque eu, por exemplo, nunca conheci essa pessoa antes", disse, ingenuamente, o presidente da Associação de Moradores, Édson Ferreira da Silva.

A outra escola, que atende de 1ª a 8ª séries, fica em Flexal II e é da rede municipal. O que mais incomoda a comunidade, no entanto, é o pré-escolar, que, após aproximadamente quatro anos de funcionamento, só agora terá bancos para que as suas mais de 100 crianças possam se sentar. "Nós vamos fazer os bancos e consertar um pouco a casa com material que o Mobral doou. Vai ser feito em regime de mutirão, no dia 24. Pedimos à Prefeitura, mas ela, como sempre, não nos atendeu", explicou Izaudino Ohnesorge.

Rua Duartino Silva sofre com os esgotos

A parte mais antiga do bairro também vive às voltas com o problema da falta de esgotos e saneamento básico. Na rua Duartino Silva, está um exemplo dessa situação. A li os detritos de uma casa são jogados diretamente na rua, formando uma pequena vala que acaba em um buraco feito pelos moradores.

Nessa mesma rua, um terreno baldio serve de depósito de lixo. Segundo os moradores, a Prefeitura não faz o recolhimento e por isso eles são obrigados a jogar os detritos no terreno. Esgoto aberto, lixo, valões e os detritos servem apenas para fazer com que ratos, baratas, insetos e cobras infestem a área. "Cobra entre até dentro de casa", reclamou Sebastião Severo, que reside no bairro há 30 anos.

Ele falou ainda que Flexal não tem a menor assistência por parte da Prefeitura. "Há muitos anos eu não via uma máquina da Prefeitura aqui no bairro. Eles vieram sexta-feira porque sabiam que A GAZETA viria fazer a reportagem. Se vocês não viessem, eles não teriam vindo", revelou o morador.

Próximo dali, na rua Vicente Santório, os problemas são os mesmos. Quando chove, os valões transbordam inundando as casas. Nilcéia Monteiro, que mora nessa rua, disse que outro problema incomoda os moradores: a energia elétrica. "A noite, a gente tem que desligar a geladeira e a televisão, porque muita gente faz ligações clandestinas, diretamente do poste, e quem sofre com isso são aqueles que têm as ligações certas". A denúncia é de fácil comprovação. Basta olhar um dos postes e ver a quantidade de fios ligados à rede de energia. Segundo ela, quem faz os gatos são as pessoas que moram nas áreas invadidas e não têm energia.

Subdelegacia precisa de carro e telefone

Sem rádio, sem telefone, e sem carro. Dessa forma funciona a subdelegacia de Flexal. Além disso, ela dispõe de apenas três soldados da Polícia Militar, ficando cada dia um deles 24 horas de plantão, auxiliando o subdelegado. Caso ocorra algum fato mais grave, os policiais têm que se deslocar até Porto de Santana para pedir reforço. O policiamento ostensivo da PM também passa muito pouco pelo bairro.

Apesar da fama de ser um local violento, a subdelegacia não registra grandes ocorrências. Segundo os policiais, a maioria dos casos são brigas de marido e mulher e pequenas agressões, que acabam resultando em nada. A subdelegacia funciona numa casa alugada na avenida Amélia Siqueira. A casa tem quatro cômodos e um deles foi adaptado para servir de cela.

Muitos casos deixam de ser atendidos pelos policiais. Os PMs explicaram que por trabalharem sozinhos, é impossível deixar a delegacia para atender as queixas. "As pessoas pensam que é má vontade da gente, mas a verdade é que não podemos abandonar a delegacia", reclamou o PM de plantão ontem. Não

tendo carro para se deslocar, os policiais, às vezes, têm que utilizar o carro do subdelegado. A vatura que havia, de tão velha, acabou virando sucata.

A esperança dos policiais está depositada numa nova delegacia que está sendo construída próximo à área da invasão, local onde surge a maioria dos casos atendidos na subdelegacia.

O telefone público mais próximo fica a mais de um quilômetro do bairro, em Porto Novo. Mesmo assim, o aparelho está instalado em uma mercearia, que fecha nos finais de semana e durante à noite. Depois desse bairro, só existe "orehão" em Porto de Santana, a três quilômetros de distância.

Um dos membros da diretoria da Associação de Moradores, Zelino Jacob explicou que um abaixo-assinado, reivindicando a instalação de um telefone público no bairro, foi encaminhado ao governador Gerson Camata, que por sua vez, segundo Jacob, endereçou o documento à Telest. "Nós pedimos ao governador porque ele fez um pronunciamento prometendo telefone para locais onde existisse uma população igual ou superior a mil habitantes. Aqui somos quase 10 mil e não temos telefone público, nem particular".

A região de Flexal reúne uma população bastante carente, grande parte residindo em barracos e sofrendo com a falta de saneamento e infra-estrutura básica. A parte mais antiga do bairro surgiu, segundo a Associação de Moradores, há 28 anos, mas, hoje, essa região, situada na parte plana, está ligada a Flexal II, que foi ocupado em 1979 por uma invasão e ao loteamento São José Operário.

Mas a pobreza da população local não impede que outras pessoas, também carentes; escolham Flexal como uma "praça" a ser explorada comercialmente. Foi pensando dessa maneira — e para driblar as dificuldades financeiras impostas pela recessão, que tirou a oportunidade de emprego do seu marido — que Maria do Carmo Santos Cláudio instalou, há três semanas, uma banca de comercialização de roupas usadas, na avenida principal.

Maria do Carmo e seu marido Augustinho, com três filhos, vendem roupas usadas, que adquirem em bazares da Grande Vitória, a preços irrisórios, variando de Cr\$ 100,00 (pequenos shorts de



Uma mão lava a outra

crianças) até Cr\$ 2 mil (calças jeans desbotadas). Ontem, o novo negócio, ainda não conhecido de todos, era motivo de curiosidade e alegria.

"Uma bermuda por Cr\$ 500? Isso é preço de uma cachaça", dizia um rapaz baixinho, enquanto aproveitava para experimentar a peça, bem conservada. O casal de comerciantes diz que a atividade é uma "aventura" e não tem ainda idéia se a coisa vai dar certo. "A gente é pobre, tem que se virar. Com as roupas usadas; ajudamos a nós mesmos e aos outros, que, pobres, não têm condições de comprar roupas novas".